

AS MASHUPS LITERÁRIAS E A NARRATIVA 'ZUMBI' EM JANE AUSTEN / LITERARY MASHUPS AND ' ZOMBIE ' NARRATIVE IN JANE AUSTEN

Amanda do Nascimento dos Santos ALMEIDA*

RESUMO

Fenômeno da cultura de massa e da evolução da tecnologia no campo da literatura, as *Mashups* Literárias apresentam uma nova proposta de (re)leitura de obras canônicas na contemporaneidade. O gênero nascido da adaptação apropria-se de um texto da literatura clássica, inserindo-lhe elementos da dita cultura de massa. Tal produto híbrido em decorrência de seu caráter transgressor rompe com as convenções pré-estabelecidas em torno do conteúdo das obras canônicas. Tal fato suscita inúmeras indagações entre a crítica literária para possíveis debates em torno do compromisso de fidelidade, o valor da obra, conceito de originalidade dentre outras competências.

PALAVRAS-CHAVES: *Mashup* Literária. Obras canônicas. Literatura fantástica.

ABSTRACT

The Literary Mashups – a phenomenon of mass culture and of the evolution of technology in the field of literature – present a new proposal for the (re) reading of canonical works nowadays. The genre, which emerges from adaptation, presents a classic literary text and insert in it elements of what is considered to be mass culture. This hybrid product breaks the pre-established conventions regarding the content of the canonical works due to its transgressive character. This fact raises many issues among the literary reviews regarding the pledge of allegiance, the value of a work, the concept of originality among others.

KEYWORDS: *Literary Mashup. Canonical Works. Fantastic Literature.*

* Mestranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói – RJ – Brasil.
E-mail: amandaalmeida.letras@gmail.com.

1. Considerações iniciais

O contexto contemporâneo insere todo corpo social em uma atmosfera de contradições, incertezas e quebra de paradigmas (novas urgências sociais, reflexões teóricas, experiências individuais e coletivas). Essas mudanças ocorrem também no âmbito cultural, contribuindo para a reformulação do pensamento artístico. Com o advento de novas mídias e a consolidação da internet como um supressor das barreiras do tempo e do espaço, surgem as *Mashups* Literárias.

Mashup significa “mistura”. Ou seja, mistura literária, em uma adaptação mais idiomática. O termo é originário da linguagem de programação de computadores, posteriormente se estendeu para o campo da música e agora para a Literatura. Pensando nas *Mashups*, há uma grande urgência em discutir conceitos que elegemos para leitura e interpretação dessas obras, e por meio de uma postura crítica de avaliação pensar o que é conveniente para orientar o hábito da leitura contemporânea. Considerando a força que a literatura estabelece com sujeito envolvido em sua prática, o cânone ainda muito pode oferecer em decorrência da multiplicidade de interpretações, independentemente da época e contexto sociocultural em que se encontra inserido. Chamamos a atenção para a renovação dos clássicos, visando que a prática de leitura precisa ser cada vez mais estimulada.

Neste sentido, o nosso objeto de estudo tem como um dos seus esforços aproximar o público jovem das obras clássicas, mesmo que em sua forma adaptada, em um primeiro momento. Nossos olhares são direcionados para as salas de aula do ensino médio, onde a leitura dos clássicos, frequentemente, está vinculada a um objeto avaliativo, causando um desconforto no aluno em relação ao material literário, uma vez que não existe um estímulo para o aproveitamento da leitura para seu próprio prazer como leitor. Em decorrência da negativização da leitura, tais obras se tornam estigmatizadas e são colocadas por parte do público *teen* na estante de livros ‘intocáveis’. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (BENJAMIN, 1955) nos ajuda a reconsiderar a destruição da aura da obra de arte original pela sua produção serial, assim, a obra é introduzida em um processo de desmistificação para atingir os objetivos da demanda.

Com a emancipação de cada uma das práticas da arte, do âmbito ritual, aumentam oportunidades de exposição dos seus produtos. A

possibilidade de expor um busto que pode ser enviado para qualquer lado, é maior do que a de expor uma divindade que tem o seu lugar no interior de um templo. A possibilidade de expor uma pintura é maior do que a de expor o mosaico ou o fresco que a precederam. E ainda que a possibilidade de expor, em público, uma missa não seja inferior à de fazer relativamente a uma sinfonia, esta surgiu numa época em que a sua possibilidade de ser exposta prometia ser superior à da missa. (BENJAMIN,1994, p. 10)

Através dessa dessacralização da obra clássica, aumenta-se a possibilidade de exposição e da recepção positiva por parte desses leitores. Alvos de inúmeras críticas, os clássicos fantásticos, têm como objetivo iluminar a obra canônica, chamando atenção para as lacunas do texto literário, o ‘não’ expresso, expandindo, assim, o horizonte de interpretação do leitor e estimulando um processo de devoração crítica.

Iremos nos preocupar com a relação entre as duas obras em foco e nas contribuições, as quais cada uma pode oferecer a outra, na esfera da recepção (JAUSS, 1994). Por essa função, podemos reconhecer o texto canônico e adaptação como linguagens ‘suplementares’. A adaptação é uma obra autônoma, independentemente do texto que a precedeu.

2. A Releitura como aquela que dá novos ares à obra na qual se inspira

A linguagem da crítica que lida com a adaptação de romances tem sido com frequência profundamente moralista, cheia de termos como *infidelidade, traição, deformação, violação, vulgarização e profanação*, cada acusação carregando sua carga específica de negatividade ultrajada. (STAM. 2000, p. 54)

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 2004, p.11), e é nessa perspectiva que a releitura dá novos ares à obra de partida. Na releitura como inspiração, o escritor inspira o “ar” do ambiente para dentro, e ao expirá-lo, toma para si apenas o que utilizará para literatura. Dessa forma, na reescrita, nos oferece também a capacidade de encher os pulmões, respirar e refletir.

O julgamento de “livro cânone bom” *versus* “releitura literária ruim” e ainda quanto às adaptações filmicas, “livro bom” *versus* “filme ruim” provém da cobrança de fidelidade da segunda obra para com a primeira. A discussão sobre o cânone terá o suporte de Terry Eagleton, em seu provocador estudo sobre Literatura como valor.

Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção de um texto é muito mais importante do que o seu nascimento. (...) o que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram... (EAGLETON, 1997, p.12)

De acordo com o teórico, portanto, a definição de literatura é um estabelecimento, uma decisão de um grupo mediante aceitação ou recusa majoritária, a despeito do que tenha pensado o seu autor. Em termos de releitura, a definição se expande, propondo mais uma independência: entre a chamada ‘original’ e a sua ‘derivada’.

É preciso, no entanto, analisar as releituras de forma que a exigência de fidelidade para com a obra inspiradora seja questionada, revista, já que a adaptação de um clássico não deve ser uma imitação e nem considerada e/ou valorizada como tal.

Assim como os clássicos chegam até nós trazendo marcas de leituras que precederam a nossa, e considerando ainda os traços que deixaram nas culturas que a perpassaram criando e recriando novos sentidos, não é plausível que haja, pois, relação de dívida da releitura em relação à obra inspiradora. Esta última, portanto, igualmente desencadeia produção sentido, por novos caminhos e perspectivas.

A releitura se cria a partir da influência, a respeito afirma Leyla Perrone-Moisés:

Estudando relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras, a literatura comparada não só admite, mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura: cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea (1990, p.94).

Mikhail Bakhtin verificou a existência da polifonia, as várias vozes num mesmo texto, de forma a desenvolver a teoria do dialogismo que é, muito resumidamente, o diálogo nem sempre harmônico entre as obras literárias.

Na chamada pós-modernidade, o valor cultural de uma obra não mais reside no fato de a mesma seguir o padrão canônico, mas sim respeitar a valorização das múltiplas identidades culturais. Assim, além das obras consagradas, dá-se atenção também às obras não-canônicas, antes marginalizadas, pois não há o conceito de “obra menor”; e,

se houver, deve ser posto em xeque, da mesma forma com que o binarismo centro/margem é revisto em função das relações de poder.

Observar as obras antes marginalizadas permite identificar as peculiaridades de cada produção, situando-as no tempo e no espaço em que foram produzidas. A partir dessas obras e respectivas condições de produção, podemos observar aspectos comportamentais da sociedade de uma determinada época, tanto pelo assunto e questões que envolvem a obra, quanto pela recepção a que se lhe atribui.

O canônico é, pois, deslocado para o entrelugar, numa condição de desconforto para com a valorização das obras produzidas pelas minorias, não canônicas porque “perde” sua função de orientar as novas produções, já que estas últimas são valorizadas por suas condições particulares e até mesmo por distanciarem-se deste modelo. O cânone situa-se entre ser a inspiração para uma releitura que lhe revigora e não ser um modelo a seguir para uma criação pós-moderna.

3. *Mash'up*: A reconstrução do clássico

Por toda parte existe conexão, por toda parte há exemplificação: nenhum acontecimento isolado, nenhuma literatura isolada pode ser adequadamente compreendida a não ser em relação a outros acontecimentos, a outras literaturas. (ARNOLD, 1993, p. 304)

Em 2009, *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen foi a primeira obra clássica que passou por esse procedimento de (re)escritura e (re)significação. *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, lançado pela editora Quirk Books, sob autoria de Seth Grahame-Smith, insere zumbis, artes marciais e muita ação na narrativa clássica de Austen.

Desde o lançamento dessa primeira *Mashup*, outros livros da literatura clássica e de domínio público, foram ganhando novas versões. Grandes autores brasileiros tiveram suas obras (re)contadas.

Dom Casmurro, de Machado de Assis, foi intitulada por Lúcio Manfredi: *Dom Casmurro e Discos Voadores*, pelo próprio nome da obra, discos voadores são adicionados ao romance machadiano. *O Alienista Caçador de Mutantes* de Nathália Klein também é mais um clássico machadiano apresenta tom bastante humorado e de crítica política, além do fato da população de Itaguaí sofrer uma transformação alienígena depois da queda de uma nave espacial na cidade. Outros clássicos fantásticos que fazem parte

dessa lista são: *Senhora, a Bruxa* (Angélica Lopes, 2010) e *A Escrava Isaura e O Vampiro* (Jovane Nones, 2010).

A cobrança de fidelidade da *mashup* para com seu texto-fonte é prejudicial a ambas obras, pois, é evidente que cumprem funções diferenciadas por estarem em contextos também diferentes. A *mashup* é utilizada principalmente como instrumento de incentivo à leitura dos clássicos, e estes por sua vez, o são.

A *mashup*, portanto, não apenas insere elementos contemporâneos nas obras clássicas, termina não por misturar o que é considerado literatura de “alta” e “baixa” qualidade mas por fundir a cultura popular e a erudita através do texto literário.

4. Tópicos do mercado editorial em torno das *mashups*

O que conta para nós na obra literária é a possibilidade de continuar a desfolhá-la como uma alcachofra infinita descobrindo dimensões de leitura sempre novas. (CALVINO, 2007, p. 210).

A *mashup* literária mistura a denominada literatura canônica com elementos de literatura não-canônica, a partir de técnicas de criação específicas de cada autor em relação à obra. As alterações incluem elementos fantásticos, que geralmente não aparecem na literatura clássica.

Mashup é a mistura – em vários graus na reconfiguração de um clássico, e sua organização não prevê regras explícitas acerca de sua construção. Nota-se, porém, que o texto-fonte está sob domínio público, o que evita a cobrança de direitos autorais, e ainda, tratando-se de obras canonizadas, o conhecimento prévio da história inspiradora suscita maior curiosidade por parte dos leitores. Na verdade, nesse tipo de produção, a obra (clássica) de partida continua com seu lugar de ‘fonte inspiradora’, mesmo porque esta modalidade esbarra na questão de direitos autorais. Na sua divulgação, consta o nome dos ‘dois’ autores, como se a *mashup* fosse de autoria coletiva – conforme descrito a seguir.

Este gênero contemporâneo, com a proposta de ‘tornar o clássico acessível ao adolescente’, surge com um forte apelo comercial. As *Mashups* brasileiras mais conhecidas são: *O alienista, caçador de mutantes* (2010) por Natalia Klen e Machado de Assis; *Dom Casmurro e os discos voadores* (2010) por Lucio Manfredi e Machado de Assis; *Escrava Isaura e o vampiro* (2010) por Bernardo Guimarães; *Senhora, a bruxa* (2010) inspirada na obra de José de Alencar. Toda atitude, porém, demanda uma

reflexão dos estudos literários. A autoria, neste caso, é de fato coletiva? O procedimento não é comum a releituras no mesmo e diferentes suportes? A ênfase, aqui, é um dilema restrito ao mercado editorial? Como compreender essa estratégia em suas várias nuances é uma das questões que pretendemos desenvolver em trabalhos posteriores.

O momento histórico de *Orgulho e Preconceito e Zumbis* é o que agora estamos vivendo, também é importante que perpassemos rapidamente pelo nosso clássico *Orgulho e Preconceito* que foi originalmente denominado *First Impressions* por Jane Austen, foi escrito entre outubro de 1796 e agosto de 1797.

Austen revisou o roteiro entre 1811 e 1812, e posteriormente mudou o título para *Pride and Prejudice*. A autora pode ter tido em mente o capítulo final do romance de Fanny Burney, *Cecilia*, chamado *Pride and Prejudice*. Foi traduzido na França em 1813, depois na Alemanha, Dinamarca e Suécia. *Pride and Prejudice* foi publicado pela 1ª vez nos Estados Unidos da América em agosto de 1832, sob o título *Elizabeth Bennet or, Pride and Prejudice*.

O romance foi bem recebido na época, e Jan Fergus o chama “*her most popular novel, both with the public and with her family and friends*” (“seu romance mais popular, tanto com o público, quanto com sua família e amigos”), e David Gilson, em *A Bibliography of Jane Austen* (Clarendon, 1982), revela que *Pride and Prejudice* foi referido como “o romance elegante” por Anne Isabella Milbanke, esposa de Lord Byron.

Voltando ao estudo das *Mashups*, consta que tiveram como romance precursor *Orgulho e Preconceito*, da escritora inglesa Jane Austen, que, por sua vez, inspirou *Orgulho e preconceito e zumbis* (2010), por Seth Grahame-Smith. Algumas das *Mashups* estrangeiras mais conhecidas são *Razão e Sensibilidade e Monstros Marinhos*, por Ben H. Winters, de Jane Austen, e publicado pelo selo *Quirk Classics* da editora *Quirk Books*, 2009; e *A Vampira* (2010), de Jane Austen por Michael Thomas Ford, da editora Lua de Papel.

Quando falamos em 'precursor' e 'inspiração' entendemos a relação entre os textos de maneira não hierárquica, fora do critério de fidelidade ao texto de partida; mesmo porque a produção cronologicamente posterior, pode iluminar a antecessora, oferecer outras possibilidades, fundar-se como outra obra.

A *Quirk Books* é a mesma editora que publicou os sucessos *Pride and prejudice and zombies*, de Austen por Seth-Grahame Smith e *Sense and Sensibility and sea monsters*, por Ben H. Winters, o mesmo autor de *Android Karenina*.

Orgulho e Preconceito e Zumbis fez sucesso quando lançado no ano de 2010, vendendo mais de 700 mil cópias nos Estados Unidos e ficando várias semanas na lista dos *Best-sellers* do *The New York Times*. Inicialmente publicado pela editora *Quirk Books*, no Brasil, foi pela Intrínseca. Como curiosidade, a mesma editora foi também responsável pela editoração e venda da saga *Crepúsculo* da escritora norte-americana Stephenie Meyer, no Brasil (2008) e *A menina que roubava livros*, do autor australiano Markus Zusak (2007) e também *A Culpa é das Estrelas*, de John Green, publicado também no Brasil em janeiro de 2012.

A gosto do público, parece que os *Mashups* vieram para polemizar, já que os leitores podem aproximar-se do gênero por diferentes motivações. Os jovens, possivelmente pelo título incomum, gravura na capa, indicação de um amigo. Os leitores mais experientes pelos mesmos motivos já citados, mas ainda, pela curiosidade em saber como ficou a história, e é nessa expectativa que o *Mashup* pode deixar de “cumprir o seu papel” aos olhos dos leitores.

5. O elemento fantástico na *Mashup Orgulho e Preconceito e Zumbis*

Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico. (TODOROV, 2012, p.63).

Zumbis, exército de satã, mortos-vivos, não-mencionáveis ou errantes? Assim são descritas as personagens que vagam, apodrecidas, nas páginas da *Mashup*. Os zumbis na contemporaneidade podem simbolizar desde a relação de receio pelo fim do mundo e o modo como pode vir a acontecer. O apocalipse zumbi num cenário de devastação com pessoas mortas e carnívoras devorando quem o que estiver vivo assusta muita gente.

Orgulho e Preconceito e Zumbis nos traz muitas curiosidades em seu pano de fundo apocalíptico, demasiadamente longínquo da atualidade e da realidade que nos é apresentada, tanto por se passar no século XVIII, quanto pela inserção do elemento ‘fantástico’ zumbi.

Etimologicamente, a expressão ‘fantástico’ provém do latim *phantasticus*, termo que, na verdade, procede do grego *phantastikós*; os dois vocábulos têm o sentido aproximado à ‘fantasia’. Por esta via etimológica, pode-se também entender

a **literatura fantástica** como a narrativa que é elaborada pelo imaginário, por uma dimensão supostamente inexistente na realidade convencional.

O fantástico nasce daquilo que não pode ser explicado através da racionalidade e do pensamento crítico. Para Todorov (1968), filósofo e linguista, um evento fantástico só ocorre quando há dúvida se esse evento é real, explicado pela lógica, ou sobrenatural, ou seja, regido por leis que desconhecemos. Alguns exemplos de seres fantásticos que habitam a literatura são: ninfas, silfos, elfos, goblins, duendes, gnomos, bruxas, vampiros, androides, lobisomens e zumbis, estes últimos, nosso objeto de estudo através da *Mashup*.

A nossa questão, que também será desenvolvida posteriormente, é como trabalhar esta noção de ‘fantástico’ sem cair na visão dicotômica real *versus* fantasia e pares derivados.

6. (In) conclusões

Os zumbis como um elemento atual, pode nos remeter à sensação de modismo, o que confrontaria com a noção de contemporaneidade que aqui se apresenta. Porém, apesar dos mortos-vivos estarem por toda parte, no cinema, em seriados de TV e até mesmo em desenhos animados, o elemento de estranhamento que o caracteriza como contemporâneo no contexto em que foi estudado, fica à cargo da ousadia de fazer a inserção desses seres fantásticos em uma clássica obra do século XVIII, cujas características vitorianas são perfeitamente mantidas, e os acontecimentos adaptados à época.

Ao analisar ambas as obras verifica-se que, apesar das semelhanças e distanciamentos que as aproximações entre *Orgulho e Preconceito* e *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, a narrativa na releitura basicamente não muda, acontece a inserção de cenas que envolvem os zumbis e a mudança das personagens, para que correspondam ao cenário caótico a que pertencem que é onde verificamos a diferença entre os romances. No entanto, hábitos como os longos passeios a pé, ida a bailes, ou a casa de parentes continuam os mesmos, assim como as preocupações com casamento, exceto para Elizabeth, e as relações sociais que o envolvem.

A cobrança de fidelidade do *Mashup* para com seu texto-fonte é prejudicial a ambas as obras, pois, é evidente que cumprem funções diferenciadas por estarem em

contextos também diferentes. O *Mashup* é utilizado principalmente como instrumento de incentivo à leitura dos clássicos, e estes por sua vez, o são.

Apesar das semelhanças e distanciamentos entre as obras estudadas, nosso foco voltou-se para a produção de sentido que inserção de zumbis na obra de Jane Austen provocaria. Entendemos que pode representar além das teorias para o fim do mundo, esperado por alguns, uma preocupação humana permanente com a decadência do corpo e a morte.

Entendemos portanto, que a inserção dos zumbis seria uma tentativa bem-humorada de tornar o clássico da autora mais atrativo, principalmente para os jovens que desconheciam sua literatura, não substituindo a leitura do clássico, mas suplementando-a, assim como a versão fílmica de *Orgulho de Preconceito* em relação ao seu texto-fonte homônimo, pois as releituras do clássico coexistem na contemporaneidade.

Releituras literárias e fílmicas necessitam deixar de serem relevadas como cópias umas das outras, e das que lhe antecedem. Esperamos, ainda, que esta reflexão possa contribuir para que nós, professores em formação, possamos desenvolver nossa prática em sala de aula. Precisamos nos aproximar dos alunos, ouvi-los, compartilhar olhares e experiências.

Um novo olhar para com a releituras, não como uma cópia do romance. Nesta perspectiva, as *mashups* são suplemento e não substitutos. Incentivam a leitura do clássico, ainda que indiretamente pois, ainda que a *mashup* não necessite que o leitor retorne ao seu texto-fonte, esse exercício seria bem-vindo levando em consideração a curiosidade de cada leitor. Acreditamos também que o leitor ou o espectador poderão aproveitar melhor essas produções, conscientes de seu valor e importância – e sabendo que valor é escolha, estabelecimento, decisão.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Peguin Classics e Companhia das Letras, 2011.

AUSTEN, Jane; GRAHAME-SMITH, Seth. *Orgulho e preconceito e zumbis*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Crítica Literária Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHAL, Tânia. (org.). *Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura. In: _____. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.1-22.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: *Flores na escrivantina*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Trad. Fernando Mascarello. 2. ed. Campinas: Papirus, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 4ª edição; 2012.

Recebido em: 15 de ago. 2017

Aceito em: 13 de dez. 2017